

A MULHER NO DISCURSO DO SEBRAE: UMA APROXIMAÇÃO (IM)POSSÍVEL ENTRE IDEOLOGIA E INCONSCIENTE DO SUJEITO?

Cristiane Gomes de Souza¹

Este estudo analisa a relação do discurso SEBRAE da mulher que trabalha com a escritura do discurso capitalista, buscando compreender o processo de produção de sentidos a partir do referencial teórico da Análise do Discurso (AD) francesa. Constitui uma análise preliminar aos estudos de construção da tese de doutoramento em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGL/UFAL.

Para tanto, leva-se em consideração que a realidade do mercado de trabalho de hoje se encontra diante de um paradoxo: necessita, para se manter, de um trabalhador competente, inovador, crítico, questionador, inteligente (pelo menos essa é a ideia difundida em cursos e livros de gestão de negócios). Por outro lado, essa demanda – ao criar novos espaços de produção de subjetividades, de expressão e de expansão das ações dos trabalhadores, em diversos planos (do pensamento, da linguagem, da afetividade, das interações sociais) – traz a possibilidade de os trabalhadores questionarem e reinventarem o próprio sistema laboral em que se inserem.

Interessa, pois, neste estudo, o sujeito, a mulher trabalhadora, em um contexto específico: no SEBRAE. As hipóteses levantadas são de como o discurso remete a exploração da mulher pelo mercado/SEBRAE e que se as múltiplas tarefas desenvolvidas pelas mulheres trabalhadoras refletem de forma negativa em suas relações, acabam interferindo também em sua identidade, então torna-se (im)possível uma aproximação entre ideologia e inconsciente do sujeito. Para este estudo, em seu aprofundamento da construção da tese, envolverá, como corpus da

¹ Psicóloga, Mestre em Serviço Social, Doutoranda em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGL/UFAL. E-mail: cristianesouza_psi@hotmail.com Orientanda da Professora Dra. Maria Virgínia Borges Amaral.

pesquisa, o material empírico do SEBRAE sobre o trabalho da mulher, na perspectiva das principais categorias teórico-metodológicas convocadas nas análises, com ênfase na noção de formação discursiva e da contribuição de analistas do discurso de linha marxista.

Da Análise do Discurso pecheutiana (AD) entende-se que, desde sua fundação, define seu objeto teórico - o discurso, onde se enredam questões relativas à língua, à história e ao sujeito. A AD concebe um sujeito determinado, interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente e constituído na/pela linguagem. A condição para que o indivíduo se torne sujeito é sua entrada no simbólico e, portanto, na linguagem. É através da linguagem que o sujeito por via da interpelação se configura como assujeitado e como desejante por ser também sujeito do inconsciente. O sujeito, então, se coloca no entremeio das noções de ideologia, linguagem e inconsciente, sendo a linguagem o caminho que dá acesso ao simbólico e à condição para constituição do inconsciente.

A questão da ideologia e do inconsciente tem uma relação bastante tensa nessa área, sendo sua relação um tema profícuo para investigação, uma vez que esses conceitos pertencem a escopos teórico-metodológicos distintos com pontos de aproximação e distanciamentos. O ponto tenso nessa relação é que ambas as estruturas estão presentes na interpelação do indivíduo em sujeito, mas pertencem a ordens distintas que se tocam, porém não se confundem, tendo a linguagem como o ponto de encontro entre elas. Nesse contexto, os estudos também devem buscar a materialização na linguagem dos traços do sujeito desejante, manifestos pelo inconsciente, e do sujeito assujeitado, pelo trabalho da ideologia. Essas são noções a serem mobilizadas, assim como seus pontos de convergência e divergência no modo como a Análise do Discurso e a Psicanálise as concebem.

Para a linha pecheutiana, por exemplo, não é o sujeito que possui a/uma ideologia, mas é esta última que captura o sujeito, a saber:

(...) os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está nas essências das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como a linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca. (ORLANDI, 2005, p.43).

Uma outra questão, menos familiar para os cientistas sociais, é a que trata do inconsciente, quando a AD traz à discussão sobre a Psicanálise e o seu objeto pela leitura que Lacan faz de Freud (ALTHUSSER, 1985). Lacan, sobre o objeto da Psicanálise, considera que o discurso do inconsciente está estruturado como uma linguagem. E dessa discussão, resulta para a AD que o equívoco, a falha, o sintoma, o chiste seriam significantes inscritos na cadeia de um discurso inconsciente, indicando para a Linguística o paradoxo de um discurso ao mesmo tempo duplo e uno, inconsciente e verbal, uma entrada que Lacan se permite fazer, a partir da psicanálise de Freud, nas conquistas da linguística saussuriana (ALTHUSSER, 1985, p. 61-63).

De fato, para profissionais da área de Ciências Sociais mais acostumados ao diálogo entre Freud e Marx, trata-se de uma questão extremamente inquietante do qual emerge não apenas a discussão sobre o inconsciente, mas, sobretudo, da consciência, categorias importantes para a compreensão dos processos de fetichização da mercadoria, da reificação das relações sociais, da alienação, da falsa e da possível consciência de classe, questões caras ao pensamento marxista.

Compreende-se, pois, que o encontro criado pela AD das Ciências Sociais com a psicanálise de Lacan é diferente, pois se dá pela via do discurso e da linguagem, provocando, obrigatoriamente, a inclusão da Linguística. No entanto, ao focar na maneira como Pêcheux inscreve a noção de inconsciente na AD, percebe-se que ela se dá na instância do interdiscurso, portanto, na cadeia de filiação das séries discursivas, isto é, no plano das contradições da formação social e das lutas de classe. Isso leva a pensar que, por mais eficiente que possa ser o processo de sujeição por meio da linguagem e do discurso, o modo de produção e a formação social se manterão sempre como instâncias e lugares das contradições e das lutas de interesses.

Na verdade, os conceitos de Sujeito do Inconsciente (Lacan) e interdiscursividade (AD francesa) pertencem, a priori, a dois campos distintos e sua aparente separação dá lugar, na AD, às iniciativas de aproximação. Esta se relaciona às questões teóricas e epistemológicas com que se defronta a AD na análise das formações discursivas que podem ser reveladoras das formações

ideológicas que se atravessam em toda ação social. Um dos caminhos em que a teoria do sujeito tratada pela psicanálise penetra na AD é feito por Althusser quando aborda a teoria lacaniana exposta no texto *Freud e Lacan* e, mais tarde, a valorização que essa abordagem ganha no texto *Semântica e Discurso*, de Pêcheux (1995).

Althusser e Pêcheux privilegiam uma leitura de uma primeira fase de Lacan, no seminário dos anos 1964/1965 sobre os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Nos textos dos autores, percebe-se uma visão de assujeitamento ao Outro e uma aproximação entre formação discursiva e formação ideológica que, embora cara à AD e à teoria sobre as formas de dominação da ideologia, não chega a representar efetivamente a contribuição de Lacan a uma teoria do sujeito.

Assim sendo, por todas as premissas acima, o discurso foi sempre, especialmente para Pêcheux, o objeto de uma busca infinita que, sem cessar, como lembra Denise Maldidier, “lhe escapa”. É no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito. E é também onde se cruzam as reflexões de Pêcheux sobre a história das ciências, sobre a história dos homens, sua paixão pelas máquinas, entre outras tantas. O discurso constitui-se, assim, no verdadeiro ponto de partida.

De fato, a mediação entre linguagem e ideologia, eixo básico da AD, se dá sob a perspectiva do materialismo histórico, que tem em Althusser seu principal inspirador. Vem daí também a influência da concepção de sujeito enquanto sujeito interpelado, assujeitado ideologicamente e produto de determinações, por influência direta do materialismo histórico. Pêcheux, na verdade, em que pese a explícita abertura para outras áreas das ciências humanas, nunca perdeu de vista a inscrição materialista dos conceitos que lhe interessavam e que se sobrepunha a qualquer outra.

Mas, ao referir-se ao presente estudo, ratifica-se a interface que interessa e para a qual pretende-se lançar um olhar mais aguçado, pois talvez seja a Psicanálise a que causa mais estranhamentos e perturbações para a análise do discurso. O interesse que move é perceber a linha divisória entre os terrenos.

Contudo, não se pode cair na ilusão de pretender traçar contornos nítidos e definitivos entre os conceitos que aí circulam. Há, entre esses terrenos, inevitavelmente, uma zona de tensão que vai estar sempre presente e que traz seguidamente desconforto. Querer fugir disso é ceder à tentação dos universos logicamente estabilizados, o que definitivamente não é o caso da Análise do Discurso.

Mais que isso, Marx nos faz ver que a “falta localizada, pela resposta, na própria resposta, na proximidade da palavra trabalho, nada mais é que a presença, na resposta, da ausência de sua questão, nada mais é que a falta de sua questão” (ALTHUSSER, 1979, p. 21). E tendo em vista a “tese central” da interpelação que a articulação entre ideologia e inconsciente se impõe no texto de Pêcheux que se compreende que “essas duas categorias não se encontram por acaso”, diz o autor, embora reconhecendo que nessa articulação “o essencial do trabalho teórico ainda permanece por fazer” (SD, p. 152). Ainda o autor afirma que “o caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como ideologia e inconsciente, é o dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento” (ibid), cujo efeito ideológico é, conforme o texto, a evidência do sujeito e a evidência do sentido.

Em seu célebre “Freud e Lacan”, Louis Althusser afirma, encerrando o texto, que as duas formações teóricas que descentraram o sujeito e o político, a saber, a psicanálise e o materialismo histórico, se entrecruzam no domínio que ele chama de “estrutura do desconhecimento”, pensado, sobretudo, a partir da relação entre duas estruturas trans-históricas muito bem delimitadas: o inconsciente e a ideologia.

Esse debate concerne, prioritariamente, ao sujeito no discurso à grande abertura pelo sujeito do inconsciente, além de compreender as respostas ideológicas aos efeitos da crise estrutural do capital atual, que precisa garantir e conservar a ordem sociometabólica do sistema capitalismo vigente. E inserido no contexto de trabalho de pesquisadores brasileiros em linguística e análise do discurso, entende-se que este estudo torna-se provocativo no sentido de discutir sobre o movimento de efeito de sentidos mobilizados pelo acontecimento discursivo

do trabalho feminino tratado pelo SEBRAE, com contribuições para a promoção de reflexões em Análise do Discurso.

Nesse contexto, é importante compreender o processo de produção de sentidos sobre o trabalho feminino no discurso SEBRAE; mais precisamente, como esse produz sentidos sobre o sujeito-mulher, interferindo em seus processos de identificação. E assim, o problema de pesquisa que conduz esse estudo refere-se à carência desse entendimento por parte das mulheres e que esse conhecimento seja utilizado para refletir criticamente suas atividades, contribuindo para "desvelar o percurso dos sentidos", nos termos de Orlandi (2012). Partindo dessas questões, levanta-se o questionamento: Como é construída a identidade da mulher, como trabalhadora, no discurso propagado pelo mercado e, especialmente, pelo SEBRAE, na condição de representante de uma ideologia?

E a partir desse questionamento, entende-se que, por conta da conjuntura epistemológica que a relação (inconsciente e a ideologia), talvez uma das mais controversas/contraditórias na e da teoria do discurso, mobilizaram em Michel Pêcheux uma extensa reflexão pautada na equivocidade da "junção" desses dois objetos. Junção que não significa nem "colagem" nem "recobrimento" e que se torna complexa justamente por conta da natureza delicada dessa relação, imprimindo a esse empreendimento uma "história interminável" – palavras de Althusser – que determina o modo de conceber teoricamente a relação entre subjetividade e formação social, entre ideologia e sentido e, fundamentalmente, as relações de identificação tão agudas e inquietas na reflexão de Michel Pêcheux.

Pensar essa junção a partir desse prisma poupa-nos de uma reflexão que busque incluir a análise de discurso à psicanálise (ou o contrário). Existe, talvez, um ponto básico que aproxime a reflexão entre inconsciente e ideologia. Há, em ambos, uma ênfase em algo que não se sabe. Do lado do inconsciente, a travessia da fantasia é justamente o momento em que se conhece a lógica que ordena o Outro discurso. Do lado da ideologia, a contradição entre o visível, é o tempo inteiro rebatido pelo funcionamento da formação social, onde as falhas aparecem como sintomas de que há algo querendo ser visto, ser dito, mas sempre suprimido pelos gestos de administração na tensão entre uma língua equívoca, um sujeito

descentrado e uma história sustentada na e pela contradição. É por isso que Pêcheux afirma o motivo de optar pela noção de “reprodução/transformação”: questão que se coloca é compreender inconsciente e ideologia como estruturas que produzem efeitos

É essa a relação que se coloca como desafio. Frente ao par ideologia/inconsciente, pensar e compreender que desde a concepção da análise do discurso (AD), a teoria psicanalítica lacaniana sempre foi tocada de maneira discreta por Pêcheux. Porém, pode-se dizer que a presença de Lacan na AD sempre foi, ao mesmo tempo, velada e incisiva. A tentativa, neste estudo, é articular a AD e a psicanálise a partir do conceito de interpretação.

Vale lembrar, com relação ao exposto acima, que Pêcheux (1997a), ao falar da forma-sujeito do discurso, postula os dois esquecimentos, que foram denominados, respectivamente, de esquecimento número 1, no qual o sujeito acredita ser a origem do sentido (esquecimento ideológico/inconsciente), e esquecimento número 2, no qual o sujeito crê que aquilo que diz é exatamente igual àquilo que pensa (esquecimento linguístico/pré-consciente). O que se tem, portanto, é um sujeito antes de tudo assujeitado e que se constitui como um efeito no interior do discurso. Como diz Henry (1992, p. 188-189): “O sujeito é sempre e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e do inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”. E, a partir dessas considerações, é que o analista de discurso poderá trabalhar num lugar logicamente desestabilizado e marcado pela tensão entre o dito e o não dito, pois será nos deslizes e pontos de deriva da língua que o analista vai pinçar um sentido (entre outros possíveis) no corpus a ser analisado.

Analisar dados sobre a mulher no discurso do SEBRAE à luz da AD e da psicanálise auxilia a refletir acerca das possibilidades de interpretar o sujeito do discurso, e também de levar em consideração as formações sociais que o determinam: o real da língua e o real da história atuando conjuntamente.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

HENRY, P. *A ferramenta imperfeita — língua, sujeito e discurso*. Campinas: Unicamp, 1992.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. Campinas: Unicamp, 1995

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.